

---

# Fundamentos Técnicos

DAVID E. ZIMERMAN

Conquanto os fundamentos teóricos e as leis da dinâmica grupal que presidem os grupos, de forma manifesta ou latente, sempre estejam presentes e sejam da mesma essência em todos eles, é inegável que as técnicas empregadas são muito distintas e variáveis, de acordo, sobretudo, com a finalidade para a qual determinado grupo foi criado. Em outras palavras: da mesma forma como todos os indivíduos que nos procuram – pacientes, por exemplo – são portadores de uma mesma *essência* psicológica, é óbvio que, no caso de um tratamento, para cada sujeito em especial igualmente vai ser necessário um planejamento de atendimento particular, com o emprego de uma técnica adequada às necessidades, possibilidades e peculiaridades de cada um deles.

Diante do fato de que existe um vasto polimorfismo grupalístico e que, por conseguinte, também há uma extensa e múltipla possibilidade de variação nas estratégias, técnicas e táticas, torna-se impossível pretender, em um único capítulo, esgotar ou fazer um detalhamento minucioso de todas elas. Por essa razão, vamos nos limitar a enumerar, de forma genérica, os principais fundamentos da técnica, que dizem respeito ao cotidiano da prática grupal, tentando rastreá-los desde o planejamento da formação de um grupo, o seu funcionamento durante o curso evolutivo, procurando acentuar algumas formas de manejo técnico diante dos diferentes aspectos e fenômenos que surgem no campo grupal dinâmico.

**Planejamento.** Inicialmente, creio ser útil fazer uma discriminação entre os conceitos de *logística*, *estratégia*, *técnica* e *tática*, termos que, embora provindos da terminologia da área militar, parecem-me também adequados ao campo da psicologia. Por *logística* entendemos um conjunto de conhecimentos e equipamentos e um lastro de experiência que servem de suporte para o planejamento de uma ação (no caso, o da formação de um grupo). *Estratégia* designa um estudo detalhado de como utilizar a logística para atingir e alcançar um êxito operativo na finalidade planejada (como hipótese, um grupo psicoterápico para pacientes de estrutura neurótica). *Técnica* se refere a um conjunto de procedimentos e de regras, de aplicabilidade prática, e que fundamentam a exequibilidade da operação (na hipótese que está nos servindo de exemplo, poderia ser a utilização de uma técnica de fundamentação psicanalítica). *Tática* alude às variadas formas de abordagem existentes, que, de acordo com as circunstâncias da operação em curso e com o estilo peculiar de cada coordenador, embora a técnica permaneça essencialmente a mesma (ainda no nosso exemplo hipotético, é a possibilidade de que um grupoterapeuta prefira a interpretação imediata e sistemática no “aqui-agora-comigo” da transferência, enquanto um outro grupoterapeuta igualmente capaz, e de uma mesma corrente grupanalítica, opte pela tática de

evitar o emprego sistemático e exclusivo dessa forma de interpretar, como uma tática capaz de criar um clima mais propício de acessibilidade aos indivíduos e ao todo grupal).

*Do esse seriam grupo*

1. **Destarte**, diante da resolução de criar e compor um grupo, devemos estar aptos a responder a algumas questões fundamentais, como as seguintes: *Quem* vai ser o coordenador? (Qual é a sua logística, Qual é o seu esquema referencial?, etc.). Para o *quê* e para *qual finalidade o grupo está sendo composto?* (É um grupo de ensino-aprendizagem? De auto-ajuda? De saúde mental? Psicoterápico? De família?, etc.). Para *quem* ele se destina? (São pessoas que estão motivadas? Coincide com uma necessidade por parte de um conjunto de indivíduos e que o grupo em planejamento poderá preencher? São crianças, adolescentes, adultos, gestantes, psicóticos, empresários, alunos, etc.?). *Como* ele funcionará? (Homogêneo ou heterogêneo, aberto ou fechado, com ou sem co-terapia, qual será o enquadre do número de participantes, o número de reuniões semanais, o tempo de duração das mesmas, será acompanhado ou não por um supervisor?, etc.). *Onde*, em *quais circunstâncias*, e com *quais recursos?* (No consultório privado? Em uma instituição e, neste caso, tem o apoio da cúpula administrativa? Vai conseguir manter a necessária continuidade de um mesmo local e dos horários combinados com o grupo?, etc.).

Como uma tentativa de sintetizar tudo isso, vale afirmar que a primeira recomendação técnica para quem vai organizar um grupo é a de que ele tenha uma idéia bem clara do que pretende com esse grupo e de como vai operacionalizar esse seu intento; caso contrário, é muito provável que o seu grupo patinará num clima de confusão, de incertezas e de mal-entendidos.

*Os alunos estão mesmo / grupo de ensino-aprendizagem*

**Seleção e grupamento.** Os grupoterapeutas não são unânimes quanto aos critérios de seleção dos indivíduos para a composição de um grupo, quer esse seja operativo, quer seja terapêutico. Alguns preferem aceitar qualquer pessoa que manifestar um interesse em participar de um determinado grupo, sob a alegação de que os possíveis contratempos serão resolvidos durante o próprio andamento do grupo. Outros, no entanto, entre os quais particularmente me filio, preferem adotar um certo rigorismo na seleção, ancorados nos argumentos que seguem:

- É muito importante e delicado o problema das indicações e contra-indicações.
- Uma motivação por demais frágil acarreta uma alta possibilidade de uma participação pobre ou a de um abandono prematuro.
- Esse tipo de abandono causa um mal-estar e uma sensação de fracasso tanto no indivíduo que não ficou no grupo como também no coordenador e na totalidade do grupo; além disso, este último vai ficar sobrecarregado, ao mesmo tempo, com sentimentos de culpa e com um estado de indignação por se sentir desrespeitado e violentado, não unicamente pelo intruso que teve acesso à intimidade dos participantes e fugou, mas também contra a negligência do coordenador.
- Um outro prejuízo possível é o da composição de um inadequado "grupamento" (esse termo não tem o mesmo significado de "agrupamento" e alude a uma gestalt ou seja, a uma visão globalística, à forma como cada indivíduo interagirá com os demais na composição de uma totalidade grupal singular).
- Além desses, podem acontecer outros inconvenientes, como possibilidade de um permanente estado de desconforto contratransferencial, assim como também podem ocorrer certas situações constrangedoras quando, por exemplo, muito cedo fica patente entre as pessoas componentes um acentuado desnível de cultura, inteligência, patologia psíquica, etc.

Pode servir como uma exemplificação mais completa do importante processo de seleção, particularmente para os leitores mais interessados em grupoterapia psicanalítica, a exposição presente no capítulo específico, na Parte 2 deste livro.

**Enquadre (*setting*).** Uma importante recomendação de técnica grupalística consiste no estabelecimento de um enquadre e a necessidade de preservação do mesmo. O enquadre é conceituado como a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o funcionamento grupal. Assim, ele resulta de uma conjugação de regras, atitudes e combinações, como, por exemplo, o local das reuniões, os horários, a periodicidade, o plano de férias, os honorários (na eventualidade de que haja alguma forma de pagamento, a combinação desse aspecto deve ficar bem claro), o número médio de participantes, etc.

Todos esses aspectos formam “as regras do jogo”, mas não o jogo propriamente dito. O *setting* não se comporta como uma situação meramente passiva, pelo contrário, ele é um importante elemento técnico porque representa as seguintes e importantes funções:

- A criação de um novo espaço para reexperimentar e ressignificar fortes e antigas experiências emocionais.
- Uma forma de estabelecer uma necessária delimitação de papéis e de posições, de direitos e deveres, entre o que é desejável e o que é possível, etc.
- Este último aspecto ganha relevância nos grupos com pacientes regressivos, como, por exemplo, os *borderline*, porquanto eles costumam apresentar uma “difusão de identidade” por ainda não estarem claramente delimitadas as representações do *self* e dos objetos; portanto é imprescindível a colocação de limites, tal como o *setting* propicia.
- O enquadre está sob uma contínua ameaça de vir a ser desvirtuado pelas pressões oriundas do interior de cada um e de todos, sob a forma de demandas insaciáveis, por distintas manobras de envolvimento, pela ação de algumas formas resistenciais e transferenciais, etc., e, por isso mesmo, o enquadre exige um manejo técnico adequado, tendo por base a necessidade dele ser preservado ao máximo.
- Um aspecto que merece a atenção do coordenador se refere ao grau de ansiedade no qual o grupo vai trabalhar, de maneira a que não haja uma angústia excessiva, porém uma falta total de ansiedade deve ser discriminada do que pode estar sendo um conformismo com a tarefa, uma apatia.
- Ainda um outro elemento inerente ao enquadre é o que podemos denominar “atmosfera grupal”, a qual depende basicamente da atitude afetiva interna do coordenador, do seu estilo pessoal de trabalhar e do emprego de táticas dentro de um determinado referencial técnico.
- Os principais elementos a serem levados em conta na configuração de um *setting* grupal são os seguintes:
  - É um grupo homogêneo (uma mesma categoria de patologia, ou de idade, sexo, grau cultural, etc.) ou heterogêneo (comporta variações no tipo e grau de doença, no caso de um grupo terapêutico; no tipo e nível de formação e qualificação profissional, no caso de um grupo operativo de aprendizado, etc.)?
  - É um grupo fechado (uma vez composto o grupo, não entra mais ninguém) ou aberto (sempre que houver vaga, podem ser admitidos novos membros)?
  - A combinação é a de duração limitada (em relação ao tempo previsto para a existência do grupo ou da permanência máxima de cada indivíduo nesse gru-

- po, como comumente ocorre nas instituições), ou ele será de duração ilimitada (como pode ser no caso dos grupos abertos)?
- Quanto ao número de participantes, poderá variar desde um pequeno grupo com três participantes – ou dois, no caso de uma terapia de casal –, ou pode se tratar do grupo denominado “numeroso”, que comporta dezenas de pessoas.
  - Da mesma forma, também abrigam uma ampla gama de variações – conforme o tipo e a finalidade do grupo – outros aspectos relevantes do enquadre grupal, como é o caso do número de reuniões semanais (ou mensais), o tempo de duração de cada reunião, e assim por diante.

**Manejo das resistências.** O melhor instrumento técnico que um coordenador de grupo pode possuir para enfrentar as resistências que surgem no campo grupal é o de ter uma idéia clara da função que elas estão representando para um determinado momento da dinâmica de seu grupo. Assim, uma primeira observação que se impõe é a que diz respeito à necessidade de o coordenador discriminar entre as resistências inconscientes que de fato são obstrutivas e que visam a impedir a livre evolução exitosa do grupo, e aquelas outras resistências que são bem-vindas ao campo grupal, porquanto estão dando uma clara amostragem de como o *self* de cada um e de todos aprendeu a se defender na vida contra o risco de serem humilhados, abandonados, não-entendidos, etc.

Da mesma forma, é útil que o coordenador possa reconhecer contra quais ansiedades emergentes no grupo uma determinada resistência se organiza: é ela de natureza paranóide? (medo da situação nova, de não ser reconhecido como um igual aos outros e de não ser aceito por esses, do risco de vir a passar vergonha e humilhações, de vir a ser desmascarado, etc.), ou é de natureza depressiva? (no caso de uma grupalterapia psicanalítica, é comum surgir o medo de enfrentar o respectivo quinhão de responsabilidade ou de eventuais culpas e o medo de se confrontar com um mundo interno destruído e sem possibilidade de reparações, o temor de ter que renunciar ao mundo das ilusões, etc.), e assim por diante.

Nos grupos operativos em geral (por exemplo, um grupo de ensino-aprendizagem), um critério que o coordenador pode utilizar como sinalizador da presença de resistências é quando sucedem excessivos atrasos e faltas, aliados a um decréscimo da leitura dos textos combinados, acompanhados por uma discussão não mais do que morna, caracterizando um clima de apatia. Um outro sinal preocupante, porque invisível na maioria das vezes, é quando o grupo elege os corredores como fórum de debate de sentimentos, idéias e reivindicações. Da mesma forma, o condutor de um grupo operativo deve estar alerta para a possibilidade de que os “supostos básicos” estejam emergindo e interferindo no cumprimento da finalidade da tarefa do “grupo de trabalho”. Nestes últimos casos, é recomendável que o coordenador da tarefa operativa solicite ao grupo que façam uma pausa na sua tarefa a fim de poderem entender o que está se passando.

Ainda em relação às resistências, mais duas observações são necessárias e ambas dizem respeito à pessoa do coordenador, qualquer que seja a natureza do grupo que ele está conduzindo. A primeira é a possibilidade de que a resistência do grupo esteja representando uma natural, e até sadia, reação contra as possíveis inadequações do coordenador na sua forma de conceber e conduzir o grupo. A segunda, igualmente importante, diz respeito à possível formação de um, inconsciente, “conluio resistencial” entre o coordenador e os demais, contra o desenvolvimento de certos aspectos da tarefa na qual estão trabalhando.

**Manejo dos aspectos transferenciais.** Da mesma forma como foi referido em relação às resistências, é necessário frisar que, diante do inevitável surgimento de situações transferenciais, um manejo técnico adequado consiste em reconhecer e discriminá-las. Assim, cabe afirmar que o surgimento de um movimento transferencial está muito longe de representar que esteja havendo a instalação de uma “neurose de transferência”, ou seja, é legítimo dizer que no campo grupal, inclusive no grupanalítico, *há transferência em tudo, mas nem tudo é transferência a ser trabalhada*.

No campo grupal, as manifestações transferenciais adquirem uma complexidade maior do que no individual, porquanto nele surgem as assim denominadas “transferências cruzadas”, que indicam a possibilidade da instalação de quatro níveis de transferência grupal: de cada indivíduo para com os seus pares, de cada um em relação à figura central do coordenador de cada um para o grupo como uma totalidade, e do todo grupal em relação ao coordenador.

Um aspecto que está adquirindo uma crescente importância técnica é o fato de os sentimentos transferencias não representarem exclusivamente uma mera repetição de antigas experiências emocionais com figuras do passado; eles podem também estar refletindo novas experiências que estão sendo vivenciadas com a pessoa *real* do coordenador e cada um dos demais.

Em relação aos sentimentos *contratransferenciais*, o importante é que o coordenador saiba que eles são de surgimento inevitável; que o segredo do êxito técnico consiste em não permitir que os sentimentos despertados invadam a sua mente, de modo a se tornarem patogênicos; pelo contrário, que eles possam se constituir como um instrumento de empatia; e que, finalmente, o coordenador esteja atento para o risco de, inconscientemente, poder estar envolvido em algum tipo de “conluio inconsciente” com o grupo, o qual pode ser de natureza narcisística, sado-masoquista, etc.

**Manejo dos *actings*.** Todos os técnicos que trabalham com grupos reconhecem que a tendência ao *acting* (“atuação”) é de curso particularmente freqüente, e que a intensidade deles crescerá em uma proporção geométrica com a hipótese de que indivíduos de caracterologia psicopática tenham sido incluídos na sua composição. Do ponto de vista de ser utilizado como um instrumento técnico, é necessário que o coordenador reconheça que os *actings* representam uma determinada conduta que se processa como uma forma de substituir sentimentos que não conseguem se manifestar no plano consciente. Isso costuma ocorrer devido a uma das cinco condições seguintes: quando os sentimentos represados correspondem a fatos, fantasias e ansiedades que estão reprimidas e que não são recordadas (como Freud ensinou), ou que não são pensadas (segundo Bion), ou que não são comunicadas pela verbalização, ou que não conseguem ficar contidas dentro do próprio indivíduo e, finalmente, o importante aspecto de que o *acting* pode estar funcionando como um recurso de comunicação muito primitivo.

As atuações adquirem um extenso leque de manifestações; no entanto, o que de fato mais importa é a necessidade de o coordenador do grupo saber discriminar com segurança quando se trata de *actings benignos* (como é o caso das conversas pré e pós-reuniões, encontros sociais entre os participantes, às vezes acompanhados dos respectivos cônjuges, ou o exercício de alguma ação transgressora, mas que, no fundo, pode estar significando uma saudável tentativa de quebrar alguns tabus e estereotipias obsessivas) e de quando se trata de *actings malignos*, como são, por exemplo, os de natureza psicopática. Há uma forma de atuação que, embora seja de aparecimento comum, apresenta uma repercussão deletéria, devendo, por isso, ser bem trabalhada pelo coordenador: é a que se refere à divulgação, para fora do grupo, de alguma

*deixar a ser trabalhado pelo grupo*

situação muito sigilosa e privativa da intimidade deste. Não custa repetir que uma adequada seleção e composição na formação de um grupo minimiza o risco de atuações malignas.

**Comunicação.** Partindo da afirmativa de que “o grande mal da humanidade é o problema do mal-entendido”, pode-se aquilatar a importância que os aspectos da normalidade e patologia da comunicação nos grupos representa para a técnica e a prática grupalísticas. Dessa forma, o grupo é um excelente campo de observação de como são transmitidas e recebidas as mensagens verbais, com as possíveis distorções e reações por parte de todos. Um aspecto da comunicação verbal que merece atenção especial é o que aponta para a possibilidade de que o discurso esteja sendo usado de fato não para comunicar algo, porém, pelo contrário, que ele esteja a serviço da comunicação.

Por outro lado, não é unicamente a comunicação verbal que importa, porquanto cada vez mais se torna relevante a importância das múltiplas formas de linguagem não-verbais (gestos, tipo de roupas, maneirismos, somatizações, silêncios, choros, *actings*, etc.).

**Atividade interpretativa.** Utilizo a expressão “atividade interpretativa” em lugar de “interpretação”, pelo fato desta última ser de uso mais restrito às situações que visam a uma forma psicanalítica de acesso ao inconsciente individual e grupal, enquanto a primeira expressão permite supor uma maior abrangência de recursos por parte do coordenador de um grupo, como é o uso de perguntas que instiguem reflexões; clareamentos; assinalamentos de paradoxos e contradições; um confronto entre a realidade e o imaginário; a abertura de novos vértices de percepção de uma determinada experiência emocional, etc. Com “atividade interpretativa” também estou englobando toda a participação verbal do coordenador que, de alguma forma, consiga promover a integração dos aspectos dissociados dos indivíduos, da tarefa e do grupo.

Assim concebida, a atividade interpretativa no grupo constitui-se como o seu principal instrumento técnico, sendo que não existem fórmulas acabadas e “certas” de como e o que dizer, pois as situações práticas são muito variáveis e, além disso, cada coordenador deve respeitar o seu *estilo* peculiar e autêntico de formular e de *ser*. No caso de grupoterapia psicanalítica, a questão mais polêmica gira em torno daqueles grupoterapeutas que preferem interpretar sempre se dirigindo ao grupo como uma totalidade gestáltica, enquanto outros advogam que a interpretação pode (ou deve) ser dirigida aos indivíduos separadamente, desde que ela venha acompanhada de uma articulação com a dinâmica da totalidade do grupo. Esse assunto é particularmente relevante e será abordado mais detidamente no capítulo sobre grupoterapias psicanalíticas.

Creio ser necessário sublinhar que, assim como existe a possibilidade de uma “violência da interpretação” (como é o caso de um grupoterapeuta pretender impor os seus próprios valores e expectativas, ou de apontar verdades doloridas sem uma sensibilidade amorosa), também existe a “violência da imposição de preconceitos técnicos universais”, sem levar em conta as peculiaridades de cada tipo de grupo, ou de situações e circunstâncias especiais.

✱ **Funções do ego.** A situação do campo grupal propicia o surgimento das funções do ego, isto é, de como os indivíduos utilizam a capacidade de *percepção, pensamento, conhecimento, juízo crítico, discriminação, comunicação, ação*, etc.; por essa razão, trabalhar com esses aspectos é parte importante da instrumentação técnica. Para dar um único exemplo, vale mencionar que a essência de uma terapia de casal,

ou de família, consiste basicamente em “ensinar” os participantes a usarem as funções de saber *escutar* o outro (é diferente de simplesmente “ouvir”), de cada um *ver* o outro (é diferente de “olhar”), de poder *pensar* no que está escutando e nas experiências emocionais pelas quais eles estão passando, e assim por diante.

**Papéis.** Convém enfatizar que uma das características mais relevantes que permeiam o campo grupal é a transparência do desempenho de papéis por parte de cada um dos componentes. A importância desse fenômeno grupal consiste no fato de que o indivíduo também está executando esses mesmos papéis nas diversas áreas de sua vida – como a familiar, profissional, social, etc.

É um dever do coordenador do grupo estar atento à possibilidade de estar ocorrendo uma fixidez e uma estereotipia de papéis patológicos exercidos sempre pelas mesmas pessoas, como se estivessem programadas para assim agirem ao longo de toda vida. O melhor exemplo de como a atribuição e a assunção de papéis pode representar um recurso técnico por excelência é o que pode ser confirmado pelos grupoterapeutas de família, que tão bem conhecem o fenômeno do “paciente identificado” (a família elege alguém para servir como depositário da doença oculta de todos os demais) e outros aspectos equivalentes.

**Vínculos.** Cada vez mais, os técnicos da área da psicologia estão valorizando a configuração que adquirem as ligações vinculares entre as pessoas. Indo muito além do exclusivo conflito do vínculo do *amor* contra o do *ódio*, na atualidade, considera-se mais importante a observação atenta de como se manifestam as diferentes formas de amar, de agredir e as interações entre ambas. Além disso, Bion introduziu o importantíssimo vínculo do *conhecimento*, que possibilita um melhor manejo técnico com os problemas ligados às diversas formas de “negação” que explicam a gênese de muitos quadros de psicopatologia, assim como também favorece ao técnico uma maior clareza na compreensão da circulação das verdades, falsidades e mentiras no campo grupal. Particularmente, tenho proposto a existência de um quarto vínculo, o do *reconhecimento*, através do qual é possível ao coordenador perceber o quanto cada indivíduo necessita, de forma vital, *ser reconhecido* pelos demais do grupo como alguém que, de fato, pertence ao grupo (é o fenômeno grupal conhecido como “pertencência”), e também alude à necessidade de que cada um reconheça ao outro como alguém que tem o direito de ser diferente e emancipado dele.

Tendo por base esses quatro vínculos, e as inúmeras combinações e arranjos possíveis entre eles, a compreensão e o manejo dos mesmos tornam-se um excelente recurso técnico no trato de casais, famílias, grupos ou instituições.

**Término.** Termo que designa duas possibilidades: uma é a de que o grupo termine, ou por uma dissolução dele, ou para cumprir uma combinação prévia, como é no caso dos grupos “fechados”; a segunda eventualidade é a de que determinada pessoa encerre a sua participação, embora o grupo continue, como é no caso dos grupos “abertos”. Saber *terminar* algo, que pode ser uma tarefa, um tratamento, um casamento, etc., representa um significativo crescimento mental. Daí considerarmos que deve haver por parte do coordenador de qualquer grupo uma fundamentação técnica que possibilite uma definição de critérios de término e um manejo adequado para cada situação em particular, sempre levando em conta a possibilidade do risco de que os resultados alcançados podem ter sido enganadores. Isso vale especialmente para os grupos de finalidade terapêutica, embora na atualidade o grupoterapeuta possa contar com claros critérios de um verdadeiro crescimento psíquico.

Memo  
elaborado a 12/01/80  
ou signados



**Atributos de um coordenador de grupo.** Decidi incorporar este tópico como integrante da fundamentação técnica, porque me parece impossível dissociar um adequado manejo técnico em qualquer modalidade de grupo, sem que haja uma adequada *atitude interna* na pessoa real do profissional.

Assim, além dos necessários *conhecimentos* (provindos de muito estudo e leituras), de *habilidades* (treino e supervisão), as *atitudes* (um tratamento de base psicanalítica ajuda muito) são indispensáveis, e elas são tecidas com alguns atributos e funções como as mencionadas a seguir:

- *Gostar e acreditar* em grupos.
- Ser *continente* (capacidade de conter as angústias e necessidades dos outros, e também as suas próprias).
- *Empatia* (poder colocar-se no lugar do outro e assim manter uma sintonia afetiva).
- *Discriminação* (para não ficar perdido no cipó das cruzadas identificações projetivas e introjetivas).
- *Novo modelo de identificação* (contribui para a importante função de desidentificação e dessignificação de experiências passadas, abrindo espaço para neo-identificações e neo-significações).
- *Comunicação* (tanto como emissor ou receptor, com a linguagem verbal ou a não-verbal, com a preservação de um estilo próprio, e como uma forma de modelo para os demais do grupo).
- Ser *verdadeiro* (se o coordenador não tiver amor às verdades e preferir não enfrentá-las, não poderá servir como um modelo para o seu grupo, e o melhor será trocar de profissão).
- *Senso de humor* (um coordenador pode ser firme sem ser rígido, flexível sem ser frouxo, bom sem ser bonzinho e, da mesma forma, pode descontraír, rir, brincar, sem perder o seu papel e a manutenção dos necessários limites).
- *Integração e síntese* (é a capacidade de extrair o denominador comum das mensagens emitidas pelos diversos componentes do grupo e de integrá-las em um todo coerente e unificado, sem artificialismos forçados).

Ao longo da leitura dos capítulos da prática clínica dos diversos autores deste livro, nas suas entrelinhas, o leitor poderá identificar todos esses atributos, e outros mais, como constituintes básicos da fundamentação técnica.